

OLIVEIRA, Jelson (org.). **Filosofia da tecnologia**: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020, 336 p.*

Silvano Severino Dias**

Desde os anos de 1960, Ruse (1988) dedicou-se a inventariar o “estado atual da arte” da subdisciplina, do campo amplo da filosofia da ciência, denominada Filosofia da Biologia. A relação entre os discursos da Filosofia e da Biologia estabeleceu-se em torno de interrogações sistemáticas sobre a significação e as implicações filosóficas dos fenômenos vitais, que passaram a ser estudados em congressos, publicados em revistas especializadas, por estudiosos que se dedicam à análise dessa temática. De modo análogo a esse, um grupo de pesquisadores – o organizador da obra *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*, Jelson Oliveira; os professores Pablo Rubén Mariconda e Ivan Domingues –, vem estabelecendo interlocuções entre as áreas de conhecimento da filosofia e da tecnologia.

Jelson Oliveira, além de organizador dessa obra, escreveu o artigo intitulado *JONAS, Hans: três pilares para a filosofia da tecnologia* (p. 193-206). Ele é professor no Programa de Pós-graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. A sua formação acadêmica pode ser descrita pelo seguinte percurso: graduou-se em Filosofia na Universidade Federal do Paraná, onde fez, também, especialização em Sociologia Política e mestrado em História da Filosofia Moderna e Contemporânea. cursou o doutorado na Universidade Federal de São Carlos – SP e o estágio pós-doutoral na Universidade de Exeter (Reino Unido). Além da atividade de docência, ele é membro dos Grupos de Pesquisa Hans Jonas do CNPq e de Trabalho (GT) de Filosofia da Tecnologia e da Técnica da ANPOF.

É autor de inúmeros artigos científicos e livros, entre os quais destacam-se: *Negação e poder: do desafio do niilismo ao perigo da tecnologia* (EDUCS/2018); *Compreender Hans Jonas* (Vozes, 2008) e *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche* (7Letras, 2007).

* Resenha recebida em 06/11/2022 e aprovado para publicação em 12/12/2022.

** Doutorando em Filosofia, no Programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Uberlândia – MG. E-mail: silvanoseverinodias@gmail.com.

I

Ao estruturar essa obra, Jelson a compôs com a *Apresentação*, escrita por Pablo Rubén Mariconda — professor-pesquisador da Universidade de São Paulo (USP); o *Prefácio*, escrito por Ivan Domingues — professor-pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (p. 9-15); a *Introdução*, escrita por ele próprio (p. 17-20); e o seu corpo textual foi tecido por 25 artigos científicos (p. 21-322), produzidos por 27 professores-pesquisadores de diversas instituições nacionais (de 22 instituições diferentes) e internacionais (três instituições estrangeiras), com o objetivo de oferecer à comunidade acadêmica um conjunto de reflexões acerca da fonte originária das problemáticas que norteiam as pesquisas do campo de estudo da Filosofia da Tecnologia.

Nas linhas iniciais do texto da *Apresentação* (abas internas), Mariconda saudou a obra e a considerou como um “meio de estimulação” da produção filosófica na “área da filosofia da tecnologia”. Nas suas considerações sobre as reflexões filosóficas desenvolvidas pelos pesquisadores, sobre os diversos autores estudados, assinalou que, devido à variedade de temas, interpretações e tensões conceituais entre as perspectivas apresentadas sobre os conceitos de técnica e de tecnologia, essa obra se assemelha a um “mosaico” e, por isso, ressalta que o *Prefácio* e a *Introdução* têm a função de ser um “mapa”, um guia, por fornecer aos leitores “o lugar (temporal e conceitual)” do pensamento dos autores.

O *Prefácio*, escrito por Ivan Domingues (p. 9-15), está dividido em quatro partes. Na primeira, ele apresentou o percurso da obra, desde os seus antecedentes até o seu resultado final; na segunda, analisou o modo como os diversos autores referenciam e assimilam os conceitos de técnica e de tecnologia; na terceira, fez um breve relato, situando historicamente, sobre a gênese do campo de estudo da Filosofia da Tecnologia. E, por fim, na quarta parte, Ivan Domingues apresentou uma taxonomia, com o intuito de oferecer um certo ordenamento (mapa, traços) dada a diversidade de ideias, de problemas, que caracterizam os objetos de estudo que circunscrevem as reflexões dessa obra. Embora essa tentativa seja válida, no entanto os tópicos, ou pontos realçados da trilha, podem esconder outros tão relevantes para a reflexão filosófica.

A *Introdução* (p. 17-20), escrita por Jelson Oliveira, fecha o ciclo de análise de conjunto dos capítulos da obra, e de indicação de caminhos de leitura. Nela, autor ressaltou que, ao fazer-se presente no cotidiano das instituições e das pessoas, a tecnologia se transformou de um saber em uma força de poder. Ao assumir características e formas

diferentes na sociedade, a tecnologia passou a alterar o modo de ser e de pensar das pessoas; por isso, a iniciativa do Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia do Brasil (ANPOF) de trazer a público o debate sobre a questão da tecnologia e da técnica, presentes em diferentes perspectivas. Para Jelson, essa obra é uma espécie de quebra cabeça, em que o leitor poderá construir a imagem desejada a partir dos seus próprios interesses.

II

Essa obra, não somente visa a estabelecer o diálogo entre filosofia e tecnologia, mas, também, reconstruir a tradição das reflexões que demarca o campo de saber e de conhecimento da disciplina Filosofia da Tecnologia. Nesse sentido, com o intuito de apresentar as temáticas dos textos que a compõem, estes foram divididos em cinco blocos. *GÜNTHER ANDERS*: a oportunidade da obsolescência, de Agostino Cera (p. 21-38) inicia o primeiro bloco. Nele, o autor relaciona a noção de tecnologia de Anders com a de Antropologia Filosófica; Bruno Vasconcelos de Almeida (p. 39-41) escreveu o texto sobre *Juan David García BACCA*: entre técnica, artificialidade e criatividade, no qual evidencia como Bacca compreendia a História e a Filosofia como elementos constitutivos da “atmosfera cultural”, e o homem como a “causa do artificial”; com o título *Albert BORGSMANN*: hipermodernidade, informação e cultura da tecnologia, Luiz Adriano Gonçalves Borges (p. 47-59) trata das relações do homem com a realidade; Alberto Cupani (p. 61-69), com o texto sobre *Mario BUNGE*: uma filosofia exata da tecnologia, apresenta os conceitos de técnica e de tecnologia de Bunge, assim como as suas contribuições para a reflexão filosófica no âmbito da Filosofia da Tecnologia; Marco Aurélio Martins e Maurício Fernandes, fundamentados na concepção de vida, defendem em *CANGUILHEM, Georges*: a técnica entre o útero artificial e a influência vitória dos retrovírus (p. 71-80), que é o processo de mecanização da vida, para se organizarem modelos biotecnológicos que possibilitem o desenvolvimento da vida.

Abre o segundo bloco o texto *DELEUZE, Gilles*: um pensamento sobre a técnica (p. 81-92), escrito por Eládio C. P. Cracia apresenta o conceito de técnica na filosofia de Deleuze como procedimento metodológico que coloca o aparelho analítico como operador conceitual a serviço de uma reflexão sobre a técnica, de uma forma de pensar técnico. Vanessa Delazeri Marcellin escreveu o texto intitulado *ELLUL, Jacques*: a concepção de técnica moderna (p. 93-104), em que apresentou o conceito de “técnica moderna”, utilizado pelo autor, como

sinônimo de tecnologia. Cristiano Cordeiro Cruz (p. 105-114) é o autor do texto intitulado *FEENBERG, ANDREW: o desenvolvimento tecnológico é uma arena política* (p. 105-114). Nele, o autor apresenta o desdobramento da seguinte tese do autor: “toda solução técnica, material (como a máquina) ou material (campo dos procedimentos, ou algoritmo) nunca é puramente instrumental, ele incorpora valores ético-políticos”, afirma o autor. Em *FOUCAULT, Michel: o desenvolvimento tecnológico e estudos concretos* (p. 115-124), Carlos Rattón analisa como a técnica está intrinsecamente relacionada às relações sociais e de poder, na sociedade contemporânea. No texto *GEHLEN, ARNOLD: a técnica desde um ponto de vista antropológico*, escrito por Wendell E. S. Lopes (p. 125-140), o autor destaca que, no primeiro parágrafo, o autor afirma que pretende mostrar como Gehlen concebe o significado de técnica indissociado do surgimento do homem e, em seguida, explicita a seguinte tese: “a técnica é tão antiga quanto o homem”.

No terceiro bloco, Maurício Fernandes (p. 141-150) abriu a seção com o texto *HABERMAS, JURGEN: a tecnologia entre instrumentalidade e comunicação; a sua reflexão foi dividida, além da introdução e conclusão, em dois tópicos*. O pensamento de Habermas, segundo Fernandes, dialoga com as transformações históricas do século XX, e tem como pano de fundo a compreensão de técnica/ tecnologia que está indissociada do conceito de racionalidade instrumental — perspectiva filosófica originária da Escola de Frankfurt. *DONNA HARAWAY: a tecnologia entre a ontologia e a política é o texto produzido por Cecília de Souza Neves* (p. 151-160), que apresenta como a tecnologia está a serviço da política. Irene Borges Duarte (p. 161-170) escreveu o texto *HEIDEGGER, Martin: a técnica como Ge-stell. De facto antropológico a paradigma epocal da modernidade tardia*. A autora desenvolve uma reflexão crítica e analítica sobre o conceito de técnica em Heidegger. *HOTTOIS, Gilbert: técnica ética e transumanismo* (p. 171-180) é o texto de Celso Cândido de Azambuja, em que apresenta as contribuições deste filósofo belga para compreender a relação entre filosofia e tecnologia.

Helder Buenos Aires de Carvalho encerra este bloco com o texto *IHDE, Don: a pós-fenomenologia - relações humano-tecnologia* (p. 181-192). Segundo o autor, IHDE foi o primeiro filósofo americano a escrever uma obra com o tema filosofia da tecnologia. O texto *JONAS, Hans: três pilares da filosofia da tecnologia* (p. 193-206), de Jelson Oliveira, abre o quarto bloco de textos que compõem esta obra. Nele, Jelson apresenta as ideias de Jonas, que é um dos primeiros filósofos a se preocupar com a problemática da tecnologia no século XX.

Luiz Henrique de Lacerda Abrahão em *KAPP, Ernst: a gênese da philosophie der technik* (p. 207-220), apresenta os conceitos de tecnologia e técnica presentes na obra de Kapp. *KROES, Peter: a escola holandesa: uma introdução* (p. 221-230) é o texto de Gilmar Evandro Szczepanik, que trata de como a escola holandesa analisa e compreende a relação entre filosofia e tecnologia. Luiz Fernandes Matos Leite e Luiz Henrique Abrahão com o texto *LEROI-GOUHAN, André: a mão, o cérebro, a técnica e a evolução* (p. 231-242), buscam inventariar como o conceito de filosofia da tecnologia surgiu na França. E, para encerrar esse tópico, o texto intitulado *ORTEGA Y GASSET, José: cinco teses sobre a técnica* (p. 243-260), escrito por Diego Lawler e Dario Sandrone, que apresentam como a temática filosofia e tecnologia está presente na obra de Ortega y Gasset.

E, finalmente, no quinto e último bloco de textos, estão as reflexões de Rossano Pecoraro sobre o pensamento filosófico de *SEVERINO, Emanuele: a essência do niilismo e o destino da técnica* (p. 261-270). Para Severino, analisar e compreender “o sentido autêntico” da técnica e sua “destinação” é fundamental para se compreender e aprofundar a unidade que liga a técnica ao pensamento filosófico. *SIMONDON, Gilbert: a técnica como pensamento e objeto* (p. 271-282) é o texto escrito por Pedro Mateo Baez Kritski e Veronica Ferreira Bahr Calazans, que traz como temática a ampliação da aplicabilidade do conceito de filosofia da tecnologia para além do campo filosófico. Lilian S. Godoy Fonseca, em *SPENGLER, Oswald: a técnica e o declínio da civilização* (p. 293-302), apresenta os elementos que constituem a principal visão de Spengler sobre a técnica. E, por fim, o texto intitulado *VIEIRA PINTO, Álvaro: o Brasil como problema. Parte um: a filosofia da técnica* (p. 303-322) foi escrito por Jairo Dias Carvalho, em que o autor analisa a relação entre os conceitos de tecnologia e de desenvolvimento nacional.

III

Diante do exposto, mesmo que sejam introdutórias, as reflexões filosóficas aqui apresentadas constituem fonte necessária e obrigatória para quem deseja se dedicar aos estudos que relacionam filosofia e tecnologia. Isso porque, embora as reflexões dos textos sejam breves, nelas estão presentes vários motivos para se fazer filosofia - ético, antropológico, existencial, político, cosmológico, epistemológico, metafísico etc.